

Magia: um Lugar de Poder

Maria Regina Candido

Abstracts:

The paper aims to provide an analysis of the defixiones: a powerful weapon to inhibit the success and profit of the rivals.

Defixiones specific purpose is bindingm restraining the enemies, sending them to the underworld — to death.

Esta abordagem tem por finalidade estabelecer o lugar social da fala dos praticantes da magia que faziam uso dos *tabletes de imprecação/ defixios* que tinham por objetivo *fazer mal ao inimigo*. Os *defixios* fazem parte do conjunto de artefatos que compõem a cultura material; porém temos consciência que, embora seja um suporte material de informação, o seu significado permanecerá como um *enigma* pelo fato de sua fala ser construída por um *lugar de poder*. Este lugar pode apresentar uma explicação que permita dar-lhe voz ou suprimir a sua fala construindo-lhe outro significado, tal procedimento pode ser observado através da discussão do significado das práticas mágicas na sociedade dos atenienses do período clássico.

Para H.S. Versnell, a discussão sobre as crenças mágicas nas sociedades antigas começou com Frazer ao construir a distinção tripartida entre ciência, religião e magia (H.S. Versel, 1991:177). Tanto a magia quanto a religião faziam referência às forças e poderes sobrenaturais. A religião apelaria para as forças invisíveis e seres espirituais superiores aos homens. As operações mágicas teriam um caráter puramente físico com base em leis imaginárias e imprecisas (M. Mauss, 1968:154) sendo considerada uma ciência falsa e uma arte ineficaz. Os seguidores de Frazer definiam a magia como distinta da religião, por aquela estar envolvida em objetivos imediatos, individuais, por apresentar atitudes coercitivas, manipuladoras, pelo fato de ser uma ação instrumental e mecânica. A ciência

cia fazia parte desta distinção como um conhecimento mais elaborado cuja a operacionalidade podia ser controlada e verificada através de ações demonstráveis.

Para a Antropologia do final do século passado, a crença na magia nada mais era do que uma tentativa, ilusória e falsa, de intervir na ordem do mundo. O homem *primitivo*, ignorante das leis da natureza e subjogado pela sua impotência diante dela, atribuiria ao pensamento mágico a capacidade de produzir sobre a realidade os *efeitos desejados* (P.Monteiro, 1986:5). Para o estudo da sociedade clássica grega, a dicotomia entre práticas mágicas e ciência foi objeto de estudo de E.R. Dodds em *Os gregos e o Irracional*. Nessa obra o autor definia a presença do irracional entre os gregos como uma forma específica de pensar a organização do *kosmos*. Dodds, como John Scarborough, acrescentou que as crenças, o saber e as práticas mágicas integravam o universo dos *helenos* desde o período homérico (E.R.Dodds, 1988:passim).

G.E.R.Lloyd nos informa que a base dessa polaridade — magia e religião — estava na discussão do conceito de *sociedades primitivas* e *sociedades avançadas*, ou seja, entre o pensamento pré-científico e o científico. Segundo o autor, esta discussão perpassou o século XIX e chegou ao século XX e após um período de relativo esquecimento foi retomada, na atualidade, pelo *lugar de poder* definido pela Antropologia e pela Filosofia¹ (G.E.R.Lloyd, 1990:14). Lloyd acrescenta que o fato do pensamento mágico integrar a religião da *pólis*, inviabiliza a discussão dos seguidores de Frazer que partem do princípio de que a ciência suplantou a magia na Grécia Antiga e como resultado o pensamento racional ocupou o espaço do mito entre o VI^o e IV^o século (G.E.R.Lloyd, 1990: passim).

Esta vertente teórica tem por fim analisar o pensamento especulativo em Atenas, buscando determinar o impacto da religião com o pensamento científico e filosófico deste momento. Entretanto, devemos ressaltar que as análises dos textos pré-socráticos e filosóficos nos indicam que neste contexto social, o pensamento e as crenças tradicionais não haviam desaparecido (G.E.R. Lloyd, 1990:18). Por outro lado, as práticas mágicas não eram vazias de sentido, de significado porque a magia podia ser considerada como um tipo de *sophia* — *saber*, tendo em vista que apresentava postulados básicos que a fundamentava, como a lei da contiguidade, da similaridade e do contraste.

Consideramos a magia grega como sendo a arte de *saber-fazer*. Os mágicos e feiticeiros faziam uso deste conhecimentos para representar e alterar a realidade que eles próprios haviam construído. No mundo mágico o objeto era substituída pela imagem; o ato de proferir o nome substi-

tuía a pessoa e a voz era criadora porque detinha o *poder* de tornar presente o que era invisível. Na ação mágica, objeto e símbolo se confundiam misteriosamente e apresentavam-se como um processo total de transferência de poderes.

O pensamento mágico sendo integrante de uma forma específica de conceber a organização do universo, necessitava da formulação de outras abordagens, diferente das desenvolvidas pela Antropologia do período de Frazer e das atuais análises descritivas das fórmulas mágicas. Isto porque, tais abordagens suprimem a *voz* dos praticantes da magia, e/ou constroem-lhe um outro significado.

A magia ocupa o *lugar do outro*, o diferente, o não inteligível pela ordem estabelecida torna-se a prática do desvio, e como tal torna-se objeto de violência simbólica através da disforização de sua prática. Devemos apreender a magia como um fenômeno integrante à vida social de uma dada comunidade e buscar uma aproximação com o lugar e o significado da sua prática junto à sociedade dos atenienses do período clássico.

Nossa abordagem situa a *maneira de fazer dos defixios* como sendo uma operação mágica presente no cotidiano dos atenienses. Visamos construir a historicidade de um tema antropológico. Para atingir este objetivo, nos afastamos das abordagens que elaboram um modelo geral para adequar-se ao conjunto de práticas e ritos observados. Buscamos explicar o significado das *maneiras de usar* e das *maneiras de fazer* a magia num determinado tempo e espaço.

Acrescentamos ainda que não consideramos as práticas mágicas dos atenienses como sendo uma operação externa à organização *poliade*, partimos do princípio de que seus usuários apropriam-se e manipulam os espaços e os ritos da *pólis* a partir *de dentro*, dando-lhes um sentido inverso ao estabelecido pela organização *poliade*.

Os praticantes da magia que faziam uso dos *defixios* não deixaram vestígios que nos permita identificar *quem fala*, porém, a análise do conteúdo destes suportes de informação nos permite apreender *o que se fala* e *para quem se fala* e *de quem se fala*, a saber:

- *quem fala* — ausente
- *o que se fala* — seriam as motivações como eliminar um concorrente em uma rivalidade comercial ou amorosa; disputa jurídica empreendida antes do veredito do juiz e disputas esportivas e teatrais
 - *para quem se fala* — os deuses relacionados ao mundo dos mortos: *Hécate*, *Hades* as potências sobrenaturais do mundo subterrâneo: *aoroi*, *biathanoi*.
- *de quem se fala* — presença de nomes dos inimigos a serem imprecados

Como podemos observar, a magia constitui-se como um *poder* e um *saber*. Um *poder* específico que necessita ser explicado pelo fato de fazer uso de determinados mecanismos para fazer circular a sua mensagem e um *saber* que ratifica a autoridade da sua fala. Para tal objetivo, a magia apropria-se da *lingua oficial* — *falada e escrita* — dos *helenos* como veículo de *comunicação prospectivo*, isto é, a mensagem dos *defixios* eram endereçadas às potências do mundo subterrâneo, só elas deveriam ter conhecimento de seu conteúdo, sendo suas informações vedadas aos vivos.

Tanto M.de Certeau quanto Pierre Bourdieu (P.Bourdieu,1982:32) afirmam que a sociedade detém mecanismos na qual a *lingua legitima* faz uso para se impor. Para as sociedades dos atenienses, os mecanismos institucionais pelos quais a organização *poliade* assegurava os seus valores e crenças eram através da convocação do cidadão a participar das festas públicas, das cerimônias religiosas e das representações teatrais.

Tais mecanismos reforçam a autoridade política daqueles que defendem a manutenção da ordem. Através do uso da *lingua oficial*, eles detém o poder de construção do discurso legítimo onde revivem na memória dos atenienses os códigos, valores morais e normas de conduta fundamentais à preservação da organização *poliade*.

Plutarco menciona o empenho dos atenienses junto aos processos de impiedade impetrados contra *Aspásia* e *Fídias* no Vº sec.(Plutarco, Péricles,49) esta ação nos indica que qualquer comportamento realizado fora do padrão estabelecido configurava-se numa transgressão, num delito cívico e jurídico, passível de punição por converter-se numa ação fora da ordem. Partindo deste princípio, indicamos as práticas mágicas de imprecar um inimigo como um discurso estabelecido *fora da ordem*. E, parte dos atenienses, considerava que tal procedimento gerava impureza que poderia despertar a ira dos deuses e trazer prejuízo para a comunidade. Segundo Antiphon, *o miasma causado pela impureza produzia má colheita e fazia quebrar os negócios* (Antiphon II,2b:11).

Os mecanismos de manutenção da ordem contribuem para unificação social e política dos atenienses. O uso da *lingua oficial*, a subordinação aos mesmos deuses e a participação do cidadão nas festas públicas deixavam transparecer o estabelecimento de uma sociedade una e homogênia. A imposição da *lingua oficial* e legitima faz parte da estratégia do poder para definir e assegurar o seu *lugar de fala* e a produção e reprodução de um domínio. Através de mecanismos institucionais, o *lugar de poder* fazia reconhecer junto a comunidade de cidadãos atenienses um discurso cujo conteúdo tinha por objetivo fazer circular a sua definição de ordem e de representação do mundo social.

Falar o grego, mesmo considerando as variações regionais como o jônio e o ático, significa falar a *língua oficial* considerada única e legítima, produzida e difundida por autores com autoridade para escrever e divulgar os preceitos *poliade* tais como os trágicos, os oradores e os políticos. O ato de falar o grego torna-se, também um meio de fazer circular as informações e o padrão de comportamento em diferentes situações das festas públicas como as *Panateneias*, as representações teatrais e das festas privadas como os *Simpósion*.

Atenas definida como uma comunidade de cidadãos, tem a sua estrutura de organização fundamentada no uso da língua comum entendida e praticada pelos atenienses e seus agregados como os estrangeiros, os metecos e os escravos. Falar o grego tornava-se fator de comunicação social entre cidadãos e não cidadãos; considerada a forma única e legítima de expressão. Entretanto, os autores com autoridade para escrever e divulgar os preceitos *poliade*, também fazem uso deste mesmo *poder* para tornar público a presença de desvios. Indicamos as práticas da magia de *fazer mal ao inimigo* como uma das ações considerada desviante e fora da *paideia* dos atenienses, deixando de ser uma prática complementar à religião da *polis* para se configurar em uma prática oculta e específica.

A presença da magia como práticas sociais desviantes nos leva a questionar a homogeneidade da religião *poliade*, evidenciando que o uso da língua comum e dos mesmos deuses permitiam a formulação de diferentes maneiras de apreender e representar o mundo social. Os valores normatizados pela sociedade *poliade*, de um lado, agiam sobre a comunidade de cidadãos e não cidadãos definindo as maneiras de falar, de agir, de expressar suas crenças e do outro lado, este mesmo conjunto de normas agia de forma a alterar o processo do desvio. Tais valores definidos como legítimos disforizam as crenças e práticas mágicas de *fazer mal ao inimigo* colocadas como sendo *fora da ordem*, visando minimizar ou extinguir a sua fala e atuação no espaço social.

Pierre Bourdieu afirma que o espaço social é o espaço das diferenças que nele se desenham lugares que tendem a se constituir simbolicamente como espaço dos estilos de vida, isto é, de grupos distintos caracterizados por atitudes e crenças diferentes (P.Bourdieu, 1989:144). Os praticantes da magia que fazem uso dos *defixios* expressam esta maneira distinta de crer e de agir. Tal procedimento evidencia uma outra maneira de pensar os espaços, gestos e rituais da *polis* que correspondem, segundo M.de Certeau, as *táticas* dos usuários da magia de apropriar-se dos mecanismos *poliades* alterando-lhes o sentido.

Consideramos os *defixios* como sendo produções simbólicas e como tal requer métodos específicos que permitam a análise dos termos empregados nos discursos, o estabelecimento do espaço por onde circula o texto, as apropriações e as resistências ao conteúdo do seu discurso. Tal procedimento torna-se uma forma de trazer a tona o *lugar de fala* de grupos sociais cuja participação social tenha sido minimizado através da disforização de suas práticas, designa também as lutas sociais pelo *lugar de poder*. Em síntese, estabelecer o lugar social de fala dos praticantes da magia que faziam uso dos *tabletes de imprecação* que visando *fazer mal ao inimigo* significa uma aproximação da história das representações, entendida por nós como uma das formas de poder de grupos sociais inseridos na sociedade dos atenienses do Vº ao IIIº a.C.

1. Documentação Textual

ANDOCIDES. *Contra Alcebiades*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

ANTIPHON. *Discours. D'Antiphon le Sophiste*. Traduit Louis Gernet. Paris: Les Belles Lettres, 1989. (edição bilingue: francês-grego).

LISIAS. *Discours*. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

PLATÃO. *República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenhian, 1993.

PLUTARCO. *Vida de Péricles*. Lisboa: Santelmo, s/d.

TUCÍDIDES *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1987.

2. Documentação Epigráfica

ELDERKIN, G.W. Two Curse Inscriptions. *Hesperia*. vol. VI, Athens, 1937, p.382-395.

JORDAN, D.R. "Defixiones from a well near the southwest corner of the Athenian Ágora", in: *Hesperia*, vol nº 3, Athens, 1985, p.205-255.

JORDAN, D.R. "A survey of Greek Defixiones not included in the special Corpora", in: *Greek ~Rone and Byzantine Studies*, vol. 26, nº1, 1985, p.151-197.

HEAR, T. "Leslie An Athenian Maledictory inscription on lead", in: *Hespéria*, vol. V, Athens, 1936. p.42-49.

3. Bibliografia Geral

- ANNEQUIN, I. *Recherches sur L'Action Magique et ses Representation*. Paris: Annales Litteraites de L'Université de Besançon, 1973.
- BABUT, Daniel. *La Religion des Philosophes grecs*. Paris: Press Universitaire de France, 1974.
- BERNAND, Andre. *Sorciers Grecs*. Paris: Fayard, 1991.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989
- BOURDIEU, P. *O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996
- BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Caluostre Gulbenkian, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. de. *A Beleza do Morto. A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995
- CHARVET, P & OZANAM, Anne-Marie. *La Magie*. Paris: Nil. Ed. 1994.
- DODDS, E. R. *Os Gregos e o Irracional*. Lisboa: Gradeva, 1988.
- FARAONE, Chistopher A. *Magika Hiera, ancient greek magic and religion*. Oxford: Oxford University Press, 1991
- FRAZER, James George. *Le Cycle du Rameau d'Or. Esprits des Blés et de Bois*. Paris: Paul Gurthner, 1935.
- GARLAND, Robert. *Religion and the Greeks*. London: Bristol Classical Press, 1994.
- MONTEIRO, Paula *Magia e Pensamento Mágico*. São Paulo: Ática, 1986.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974, v.1 e 2.
- NOIRIEL, G. *Sobre la Crisis de la Historia*. Valença: Fronesis, 1997
- PROST, Antoine. *Sociele et culturelle indissociablement. Pour une Histoire Culturelle*. Paris: Seuil, 1997
- SCARBOROUGH, J. *The Pharmacology of Sacred Plants, Herbs and Roots. Magika Hiera, ancient greek magic and religion*. Oxford: Oxford of University Press. 1991, p.107.